plenitude de estágio poético

Almeida Fischer

Para examinar-se a obra de vários poetas de universos diferentes, de gerações diversas e de tendências pouco aproximáveis cremos ser aconselhável iniciar a apreciação a partir da línguagem, que é o veículo através do qual a poesia se realiza e se transmite. Dois livros de poemas que se empolgaram sobre nossa mesa de trabalho, nos últimos meses do ano passado e primeiros deste, selecionamos os seis melhores, todos realmente bons, para fizer sobre cada um algumas palavras de merecimento, comportáveis em trabalho de exiguo território: Sonetos do Tempo Perdido, de Waldemar Lopes; Canção da Matéria Viva, de Audálio Alves; Os Mortos Assis, de Francisco Carvalho; Alitiplano e Outros Poemas, de Anderson Braga Horca; Ave de Rapina, de Itálico Marcon; e Ordenações, de Carlos Nejar. Numa distribuição geográfica que, no caso, pouco importa ao estudo dos livros, pode-se dizer que seus autores são: dois pernambucanos (Waldemar Lopes e Audálio Alves), um cearense (Francisco Carvalho), um mineiro, radicado em Brasília (Anderson Braga Horca) e dois gaúchos (Itálico Marcon e Carlos Nejar). Três nordestinos, um sudesteiro e dois sulinos.

Waldemar Lopes reuniu, em Sonetos do Tempo Perdido,1 alguns dos sonetos mais belos da língua portuguesa, sobre os quais Manuel Bandeira dissera há tempos que precisavam “ser publicados na íntegra pois representam poesia da melhor escrita no Brasil”. Seus versos decisíveis mostram não apenas um manejo da métrica e da construção formal, que domina por inteiro os instrumentos de seu ofício, mas um poeta de grande força lírica, que se vale dos mais expressivos recursos de línguagem para comunicar sua poesia. De fato, o que

Há a ressalte em seus poemas como fundamental importância, além do valor da mensagem lírica que nos transmite, é o inesquecível poder verbal do poeta pensamundo, que se socorre, na elaboração de seus versos, de valores metafóricos de impressionante riqueza conotativa, de alterações e assonâncias bem construídas que lhes melhoram o ritmo e a musicalidade. Mas não se pode apreciar convenientemente a linguagem poética de Waldemar Lopes sem transcender alguma coisa deste seu livro. Vejamos o Soneto da Esperança: "Tempo de azul e não. Desencantado/ reino do que não foi, mundo poético, ontem feito de agora, hoje passado: na essência do não-ser o instante censurado.// (Margaridas da tarde, onde o seu vínculo/ Choro de água nos ares, lento e alado/caminho de sonhos? Insensísmo? mar sem data, desfeito e recristalizado? / Suaves recebidas por onde a mão do vento/ esculpia no verde a sombra exata e as imagens que o olhar já não alcança. // Aventuras tão-só do pensamento: arco de azul, a tarde era a fragata/ superflua, para o exílio na esperança.// E de assinalar-se a riqueza imagística do soneto, decorrente de tropos como "choro de água", "lento e alado caminho", "as mãos do vento", "a tarde era a fragata superflua, para o exílio na esperança", e também de valores anexinómicos desta espécie: "tempo de azul e não", "mundo poético, ontem feito de agora, hoje passado," etc. Em outros sonetos encontramos versos alterativos como estes: "Rubra rosa na relva, eis a recente" e "rafrados, refazem rios ressuscitados."

A poesia se socorre de uma área vocabular muito mais restrita do que a prosa. Saber delimitar essa área é problema que se coloca em plano da maior importância para a arte poética e serve mesmo de primeiro diagnóstico em função do qual é possível separar os bons dos maus poetas, a boa poesia da prosaica. Waldemar Lopes soube escolher, para a estruturação dos seus sonetos, as palavras certas — ou as combinações de palavras certas —, com grande carga poética e manusear todos os recursos enriquecedores da linguagem que o idioma deixou ao alcance do seu talento de poeta verdadeiro. Disso resultou um livro de qualidades incontestáveis.

O lirismo da poesia de Audálio Alves, neste Canto da Matéria Viva, não é manso e suavizado como o dos sonetos de Waldemar Lopes. É um tanto agressivo e de tom mais alto. No Canto V do poema longo "Amorzama", encontramos estes versos: "Outro em falares, um circuito em tua voz queimou-me a fala/ e eu te disse um verso quase escuro/ ao rolar por teus seios eu sentia/ o silêncio das luzes condenadas.// Lembrar-te? Fui eu quem ontem, no leito em que dormias, iluminei acima de teu venere/ e disse/ como um pásaro do oceano/ buscando o ninho inquieta/ de teus bosques/ chovia/ mas à relva/ uma flor de verão/ sem sol/ desbrochava." Do Canto IV do mesmo poema são de se transcrever estes outros: "Medram dois seios/ no teu corpo ínter/ ao desespero destas mãos vibras. Ah/ e o mar/ sinuso mar/ teu corpo alado/ — a fúria de meu suange/ em teus sargüços."

Os poemas de Audálio Alves são também ricos de metáforas das mais arrojadas e de sinestesias inimitáveis, como, por exemplo, "verso quase escuro", "lúcido vermelho", etc. Não se vale o poema, senão raramente, das alterações, mas se socorre de variações anafóricas, da técnica da repetição, como nos versos seguintes: "esse amor de colinas separadas/ essa paz que separa duas setas/ esses rios, na morte/ que prossigem,/ esses rios sem lím, esse horizonte — ah/ essas coisas da vida que desenham." Ou neste: "O mesmo vício, o mesmo ar/ a mesma massa líquida." Em muitos poemas deste livro o autor utilizou a técnica da repetição, sem o emprego de formas anafóricas, como nestes e em numerosos outros versos: "Naquêste tanto, morreste tanto," e ainda pobre/ nusos de novo."

Na última parte do livro, "Muitas", Audálio Alves inclui alguns poemas de fundo social, como "Requiem para Luther King" e "Incêndio Civil", sobre o suicídio do estudante tcheco Jan Palach, em sinal de protesto pela ocupação de sua pátria pelas tropas soviéticas, do qual extraíamos este trecho: "Morriões em Praga, em chamais/ muitos pediram ver/ a pressa com que Deus se desloca/ nos extremos da carne iluminada." E este outro: "Jan, entre os demais/ eu quero agora um poema incendiário/ ou todo um livro paginado em chamais."

A maior parte dos poemas está vazada em versos livres. Mas vamos encontrar, ainda em "Muitas", alguns poemas metrizados e rimados, como "Terceiros da Elegia Terceira": referente ao sepultamento do poeta Ceário de Mélo, de que transcrevemos os seguintes versos: "Por que dois-lo ao chão e não ao vento? mantido sob o solo, e não levou-lo de quando o faz tão movi e destem-ente? // Partir da vida às rédeas de um cavalo/ dobrando as mãos o amargo da partida,// tendo o eterno às curvas do intervalo."

A voz lírica de Francisco Carvalho fica ecoando em nós após a leitura de seus poemas, o ritmo bem marcado calendrando sua tristeza e seu desencanto: "Vago vêm vindo os peceres/ raus que roçam os lagos/ rios do que não têm./ Vêm dourados de anjamentos/ saudades de ninguém.// Ninguém os vê na estrada.// Nem mesmo o vento os roça/ numa antiga ovação./ Pajens da morte moça/ cedo

Encontramos em todo o livro imagens das mais belas, como "punhal de grito, "anjos de algodão, "aurora de alagâs, "luz de estilhaços, "corcel de soluçado, "rição de espanho, "cicatriz de estrelas, etc. O poeta se vale de todos os recursos formais no seu alcance na elaboração de seus versos, inclusive de alterações numerosas, como no poema "A Nave", de que transcrevemos duas estrofes: "Agora escuro a nave, nada nêvado negra, nave como navio, na noite navegável/ A nave na nêvada, a nave no mares, nêvada namorada, a nave navegar em nêmes."3

Anderson Bega Horta, nascido em Minas e radicado na capital da Repúb., é o poeta da construção de Brasilia que estaria com Absoluto e Outros Poemas.4 Ouçamos-lhe a voz, neste final de longo poema "Absoluto": "No Planeta, lerma, se abre, / roçia superáurea/ em vêlo-plano e concreto/ Con-tradição/ rosas explodida/ De suas impurezas/ de suas aperasetas/ roça queroz-te exa/ Na absurda de nossas esperanças/ roça-dos-homens/ construído-se fuma/ Basta esta Annrura para situar-se em sua área própria: seus versos são de grande apuro técnico e trazem bem sua emoção, vandos em palavras limpí e seca, como neste final de "Criação Chorando": "Tão pequeno e já francês a tem, Poreventura sabes quenho quero é preciso para fazer-se um homem/ e te colôni impacientemente," Não é preciso ler muito para termos a medida deste excelente poeta jovem, que se apresenta aluno em seu primeiro livro, nanejado com mesura todo o instrumental necessário ao seu ofício. A poesia de Anderson Bega Horta se realiza através de uma linguagem bastante trabalhada, em que se utilizam com propriedade os melhores recursos poéticos. Numa colheita rápida ao longo das páginas do seu Absoluto e Outros Poemas, releituras imagens como estas: "grito luxuro das tachan, "usurpeiro de invólucro, "rição de espanho, "cogumelos de video, "flora mudas do miúdo, "ferrugem do tombo, etc. Seus poemas se iluminam de repente, à medida que são elabo-

4 Leite-pêra ou leite-pés, recurso poético muito utilizado pela lírica galego-portuguesa e pelos trovadores provenças, que consiste em repetir na emenda de cada estrofe o último verso da estrofe anterior ou parte desse verso, dando a impressão de que larga e retorna o assunto em desenvolvimento.
nudos, e da magia das palavras brotam versos como estes — estrofe finais de ‘Os Cães’: ‘Alguém ligou a máquina do dia./ Os cães despertaram mastigando as luces/ que a prédia manhã lhes pôe nos olhos./ E eles felizes abanando as caudas,/ sequer imaginando que fragrâncias/ que músicas pagam deixam gravadas/ na memória das frias madrugadas/ de cães ladrando flores no silêncio.’

Recenomenos-nos, em *Arte de Rapina*, com a bem feita poesia de Itálco Marcon, apenas bem mais amarga do que a de seu *Tempo de Estilo*, publicado em 1969. Logo no poema que abre o volume deparam-nos com esses versos secos e de maus presságios: ‘Fartes,/ ao encontro do enfarte;/ que se aguêlar;/ neste cair de tarde; arte de rapina.’ O poeta rastrou bastante, deixou a dinção lírica de seus poemas anteriores, tornou-se mais agressivo, como no poema ‘Identidade’, em que também utiliza a técnica de repetição: ‘A faca; e o seu gume;/ instrumento do homem.’ ‘Dentro impotente;/ bofetada no rosto;/ A faca e o seu gume;/ civilização ambigua./ — Resumo de uma história;/ definitiva.’

‘A faca e o seu gume;/ no voo do homem.’ — Doloroso idioma, meu nome.” Seus poemas sobre uvas são explicativos, fluindo deles uma poesia bucólica cheia de serenidade, como nestes estrofes: ‘Um cacho de uva;/ não é uma represa;/ exige menos espaço;/ a medida de uma mesa.’ ‘Cabe todo num vaso;/ de porcelana italiana;/ e por todos os lados;/ é um cacho de uva.’ ‘É múltipla e fecunda;/ em sua contextura, ainda mais tratando-se de uva madura.” O tom geral dos novos poemas de Itálco Marcon é de pessimismo e desalento, como podemos constatar nos seguintes versos, retirados de várias partes do livro: ‘Desmerto os meus pecados;/ e também;/ minhas negações;/ o meu reino (a poesia);;/ que me espanca;/ e restaura;/ e vivo a todo instante;/ minha jaula;/ Permaneço;/ que sempre fui;/ renasça;/ em amargo e azul.’ E de assinalar que sua linguagem poética, que perdeu um pouco de sua musicalidade, ganhou em depuração, em contenção. Lemos, como exemplo, esta estrofe do último poema do livro: ‘Esqueci minhas colheitas;/ minha provação de peixe;/ de trigo e de azeite;/ e da viagem recomeça;/ em sua última instância.’

Carlos Nejar, poeta gaucho em plena ascensão, dá-nos agora ordenações*, volume de poemas que conquistou, em 1970, o Prêmio Jorge de Lima (para livros inéditos) do Instituto Nacional do Livro. A primeira observação a fazer com referência à bêla poesia deste jovem de pouco mais de trinta anos diz respeito à incorporação a seus versos de uma terminologia jurídica (Nejar é...

---


---


A linguagem dos poemas de Carlos Nejar é de uma impressionante riqueza connotativa, o sentido de seus versos construindo-se através de associações de ideias, de símbolos, de valores metafóricos de efeitos improvistos. Vale-se também, e constantemente, de metonímias, de antecentos, de amálgamas e de anáforas, de risonhos, de alterações, etc. No poema ‘Tesamentário’ encontramos usados com segurança alguns desses recursos da arte poética: ‘Tesamentário sei de alguém que escondo;/ no goço da chapaça;/ no andar de onda;/ no cunhamento lindo;/ retratado;/ de quem leva pela mão os seus sentidos;/ Tesamentário sei. Hei por primeiro;/ ponderações a ouvir;/ para depois erguer o valimento;/ a carta de alforria;/ aos útidos;/ lesis. E o banimento no estrangeiro;/ a quem o quis.’ ‘Tesamentário sei de alguém que nego;/ com motivos expostos;/ em impostos e arreglos;/ na gravata alinhada;/ no recato do rei/ mas nunca no recesso de mim mesmo.’ ‘Tesamentário sei, sem ter querido;/ ou buscado na corte. Sem brasas;/ d’El-Rei, senhor dos condês;/ Vem do berço;/ o sujo fundamento é ser inóspito;/ nas feições que sustêmo;/ entre mim;/ e as Colunas de Hércules; entre mim; e o regimento das capitârias.’ ‘Tesamentário sei e se acaso;/ em meu porte reparei;/ vezas;/ que trago alguém nos tragos;/ que não é pai ou irmão.’ ‘Nem tampouco minha mãe.’ ‘Eu alguém que ignora;/ e que, no entanto, sei;/ e pois para meu decevo;/ é alguém que sepaule.’

A musicalidade dos versos de Nejar repousa também na técnica de repetição, que lhes imprime rimo bastante seguro. Este caso de ‘Poesia’ vale ser transcrito: ‘Cavo o poema;/ nos meus guardados;/ cartas de terras;/ que não reparo;/ Cavo o poema;/ salgueiro do nojo;/ perto do oeste;/ onde repousa;/ Habilitado;/ pelos contrastes;/ e pelos ares;/ de meu casaco;/ cavo o poema;/ com zelo;/ E bebo o leite;/ que vem do tambor;/ cavo o poema;/ cavo até quando;/ surgir à cena;/ Davi, o campo;/ o mais que teima;/ no fundo espanhol;/ cavo o poema;/ com suas sardas;/ e seus fenomes;/ Tardo, recluso;/ eu mesmo uso de/
suas penas,/ urdindo as reais/ desta vivenda,/ na noite plena./ Afsalto, cavo o poema.”

Os versos de Nejar que transcrevemos mostram bem a superior qualidade de sua poesia e, também, seu grande conhecimento de arte poética. Dizer mais seria ocioso.

"*

Os livros destes seis poetas de fato bons, que procuramos analisar sucintamente, mostram que a poesia brasileira não se encontra em crise, nada obstante o surgimento de algumas mudas grafistas que poderia indicar o esgotamento do atual estágio poético nacional. Poetas de diversa eleição, de paisagens diferentes, de universos vários, poderíamos no entanto tentar algumas aproximações entre eles. Talvez Waldemar Lopes e Audálio Alves se aproximem por alguns poemas de sentido elegiaco e pelo retorno ao chão da infância. Francisco Carvalho e Carlos Nejar mostram pontos comuns em morosidade e sátiras em muitos poemas, às vezes também em desencanto e agressividade. Agressivos também se mostram alguns poemas de Audálio e de Isálio Marcon. Em Anderson Braga Horta encontramos poemas de fundo social, tanto quanto em Audálio Alves e em Francisco Carvalho. Audálio e Anderson Braga Horta cantam suas cidades: Recife e Brasília. Há desalento na poesia de Nejar, Audálio, Marcon e Francisco Carvalho e nostalgia na de Waldemar Lopes.

O ponto comum mais importante, porém, entre estes autores é a linguagem poética. Todos trabalharam seus poemas verso a verso e todos o fizeram com inêxito conhecimento dos recursos que a arte poética coloca ao alcance dos poetas verdadeiros. Isso porque não se faz poesia somente de inspiração, como já ensinava Mário de Andrade há algumas décadas, alertando os seguidores do modernismo para a necessidade do retorno ao estudo e à disciplina formal...